

ARTE EDUCAÇÃO E O DESENHO INFANTIL: PODEMOS ENSINAR?

Adriana Rodrigues Suarez¹
Amanda Franczak²

RESUMO: Este artigo apresenta a importância da Arte Educação e o seu papel na formação dos olhares das crianças, jovens e adultos através da leitura de imagem. A Arte Educação não tem a responsabilidade de formar artistas, mas de tornar os indivíduos fruidores da expressão produzida pela Arte. Destacamos as Artes Visuais como uma linguagem artística, que tem uma sintaxe própria que lhes dá significação, com isso precisamos pensar no objeto principal das Artes Visuais, a Imagem. Destacamos a Abordagem Triangular da arte educadora Ana Mae Barbosa (1991). O principal objetivo foi desenvolver os olhares dos alunos a partir de metodologias de leitura de imagem. A metodologia apresentada demonstra a importância do processo no ensino do desenho infantil e a leitura de imagem, levando em consideração o desenvolvimento do lado direito do cérebro, segundo Bety Edwards (1985). A produção artística do aluno precisa ser valorizada para que a representação do olhar do meio que o cerca seja significativa. O processo para a leitura de imagem destacamos o ensino do desenho infantil em três momentos: o desenho da observação, desenho de memória e o desenho de criação. Percebemos que o resultado foi significativo e a Arte Educação passa a ter o valor de reconhecimento na formação do aluno e sua visão sobre o mundo ganha novos olhares. Autores que contribuem com essa discussão são Barbosa (1991), Dondis, Dondis (1991), Duarte (2012), Edwards (1985), Walty (2001) e Lowenfeld (1977). Sabemos que se a criatividade for estimulada a partir de histórias, vivências, temas, discursos, enfim, a tudo aquilo que podemos transformar, poderemos através da representação imagética e da leitura de imagem, contribuir para a formação crítica e reflexiva do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Educação, Leitura de Imagem, Desenho Infantil

ART EDUCATION AND CHILDREN'S DRAWING: CAN WE TEACH?

ABSTRACT: This article presents the importance of Art Education and its role in shaping the eyes of children, young people and adults through image reading. Art Education is not responsible for training artists, but for making individuals enjoy the expression produced by art. We highlight the Visual Arts as an artistic language, which has its own syntax that gives it meaning, so we need to think about the main object of the Visual Arts, the Image. We highlight the Triangular Approach of art educator Ana Mae Barbosa (1991). The main objective was to develop students' perspectives based on image reading methodologies. The methodology presented demonstrates the importance of the process in teaching children drawing and image reading, taking into account the development of the right side of the brain, according to Bety Edwards (1985). The student's artistic production needs to be valued so that the representation of the surrounding environment is meaningful. In the process of reading images, we highlighted the teaching of children's drawing in three stages: observation drawing, memory drawing and creative drawing. We realized that the results were significant and that Art Education now has the value of recognition in the student's education and their view of the world takes on new perspectives. Authors who contribute to this discussion are Barbosa (1991), Dondis, Dondis (1991), Duarte (2012), Edwards (1985), Walty (2001) and Lowenfeld (1977). We know that if creativity is stimulated from stories, experiences, themes, speeches, in short, everything that we can transform, we can, through image representation and image reading, contribute to the student's critical and reflective education.

Keywords: Art Education, Image Reading, Children's Drawing

¹ Graduação em Licenciatura em Artes Visuais. Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Orientadora de Iniciação Científica/PIBIC/UEPG. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na UEPG. E-mail para contato: arsuarez@uepg.br

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Voluntária de Iniciação Científica/ PROVIC/UEPG. E-mail para contato: franczakmand@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao falarmos de Arte Educação, inúmeros questionamentos se tornam essenciais para compreendermos alguns fatos recorrentes na formação do indivíduo, em relação aos seus olhares e suas representações sobre o mundo que o cerca. Para tanto, qual seria a importância da Arte Educação na visão de Duarte? Para o autor

[...] a arte proporciona condições de aprendizagem do pensamento crítico, favorecendo ao indivíduo a agir no mundo; possibilita adquirir a capacidade crítica, instigar a capacidade intelectual para recriar ideias e ações, segundo sua própria decisão". (DUARTE, 2012, p. 65)

As palavras de Duarte (2012) destacam a importância do Ensino da Arte, reforçando que este ensino se torna bastante relevante na formação do indivíduo, declarando que a Arte está ligada a uma atividade humana, com manifestações de ordem estética, a partir de percepções, emoções e ideias com o objetivo de proporcionar aprendizagem, estímulo e entusiasmo ao educando. Papel de suma importância na formação das crianças, jovens e adultos.

A Arte Educação não tem a responsabilidade de formar artistas, mas de tornar as crianças, jovens e adultos fruidores da Arte, da expressão produzida pela Arte. Sabemos também que em muitos momentos a Arte é desvalorizada na Educação, ou apresentada apenas como entretenimento. Erro muito grave cometido pelos educadores, responsáveis pelo desenvolvimento do pensamento crítico do educando.

A Arte Educação tem um importante papel no trabalho educativo, pois procura, a partir das habilidades individuais, propiciar a formação do gosto, aguçar a inteligência e ajudar na formação da personalidade do indivíduo, sem a preocupação da formação de artistas, isto é, produzir/criar Arte, por mãos de não artistas. A Arte precisa ser instrumento de grande valor na Educação, possibilitando condições de que esse educando possa usufruir do conhecimento rico que a Arte pode proporcionar em sua formação.

Em relação à Arte Educação, destacamos as Artes Visuais como uma linguagem artística, linguagem esta, que tem uma sintaxe própria que lhes dá significação, com isso precisamos pensar no objeto principal das Artes Visuais, a

Imagem. Sabemos que somos imagéticos, característica que nos permite a partir das imagens, construirmos leituras com significados de diversas maneiras e intensidades.

As obras de Arte, as composições imagéticas podem e devem ser lidas com responsabilidade. Os educadores devem proporcionar leituras de imagens, estabelecendo sentidos para determinadas manifestações artísticas, conseguindo significar a capacidade de atingir um potencial entrando em contato com a forma, compreendendo como se constroem e assim, interpretar a partir das combinações/relações significantes da mensagem artística.

Ler o mundo? Sim, algo necessário em nossa formação enquanto ser social. E o indivíduo e a sua representação? Algo fascinante, que nos permite muitas interpretações e análises.

Através da Arte a criança, o jovem e o adulto possuem formas de se expressar sentimentalmente, trazem consigo a possibilidade de exteriorizar alegrias, tristezas, despertam emoções mais profundas, emergindo sentimentos que as palavras muitas vezes são incapazes de significar. Desta maneira, impulsiona a expressão visual e corporal. Barbosa (1991) contribui com essas afirmações, quando nos diz que a Arte:

[...] não é apenas básica, mais fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite, arte é cognição, é profissão e é uma forma diferente da palavra interpretar o mundo, a realidade o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano.” (BARBOSA, 1991, p.4).

Logo, Barbosa (1991) nos confere, que o poder da Arte em toda a trajetória humana é evidente, expressada nas inúmeras experiências da vida cotidiana, tanto individual quanto coletivamente, em diferentes épocas e culturas e, por conseguinte, de uma importância fundamental para o desenvolvimento e o equilíbrio da vida afetiva, intelectual e social do indivíduo. Para Duarte (2012) a Arte é uma maneira de despertar no indivíduo o processo do intelectualismo da civilização, provocando no indivíduo a atenção de cada um para sua maneira particular de sentir e ver o mundo.

Destacamos a importância da imagem, da leitura de imagem no processo de ensino para a formação do fruidor. A leitura de obras deve ser um recurso do Ensino da Arte voltado para qualquer manifestação artística. O educador deve ser o mediador desse processo de leitura, na orientação desse olhar para que então, a criança, o jovem e o adulto passem a construir seus próprios significados imagéticos.

A pesquisadora Ana Mae Barbosa trabalha as vertentes da crítica e da estética, constituindo a partir dos seus estudos a Abordagem Triangular, organizada em três eixos: a Contextualização, a Apreciação da Obra de Arte (leitura de imagem) e o Fazer artístico, ações que devem ser observadas pelo professor ao propor a leitura imagética na escola. Esses eixos da abordagem não tratam de uma demarcação temporal, mas, da articulação de ações para apreender os sentidos das manifestações artísticas, construindo assim significados coerentes com a carga de vivência de cada leitor a partir do seu meio.

Entre muitas formas de leituras de imagens, destacamos a Abordagem Triangular bastante utilizada pelos educadores no contexto escolar. O educador deve escolher a melhor forma para aplicar aos seus educandos. Uma metodologia de leitura de imagens possibilita ao leitor, seja criança, jovem ou adulto, dominar maior número de códigos, signos, símbolos, podendo interferir ativamente na rede de significação cultural, tanto como receptor, quanto produtor. Segundo Walty (2001)

[...] a escola pode e deve ser um espaço privilegiado para a recepção crítica dos diferentes códigos e, sobretudo, deve proporcionar, de forma democrática, acesso mais amplo aos educandos. Estabelecer relações, inclusive interdisciplinares, fator fundamental de inserção político-social. (WALTY, 2001, p. 90)

Somente podemos representar aquilo que temos como conhecimento, podendo pensar que a representação imagética (desenho) se dá pelo processo da observação, da memória e da criação. Nada surge do nada.

Neste momento, se faz necessário destacar a importância da representação imagética (desenho) produzida pelo educando em sala de aula, foco que daremos no decorrer do texto. Compreender que para a representação imagética (desenho) acontecer de maneira consciente, com significados, a leitura de imagem se faz de suma importância.

Quando se pensa na construção desse olhar, a partir da leitura de imagem, podemos pensar no processo da representação imagética (desenho) de diversas maneiras. O indivíduo que se apropria desse conhecimento de leitura imagética, com certeza terá mais argumentos para sua observação, arquivos de memória e capacidade criadora para suas representações imagéticas (desenho).

O verbo desenhar, segundo Dondis (1991) invoca a ideia de se fazer marcas gráficas sobre determinadas superfícies. Quando alguém desenha registra seu gesto, tornando-o permanente, projetando um pensamento, descrevendo raciocínios.

Segundo Dondis (1991) ao se compreender os signos da imagem, essas marcas gráficas, seus elementos básicos, a representação se tornam mais reflexivas, mesmo produzida pela criança. É concebido que, desde a pré-história, o homem desenha, deixando registros gráficos que marcam a sua presença nos distintos territórios por onde tem passado. Tem como objetivo, se expressar, organizar suas ideias, construir, transmitir conhecimento, enfim, de comunicar-se.

No discurso da relação da representação imagética (desenho) com conhecimentos e significações, precisamos entender que não estamos tratando de desenhos com técnicas realistas, acadêmicas ou de caráter fotográfico. A representação imagética, dando ênfase ao desenho, se dá pela forma mais simples de elementos formais da imagem, desde quando a criança representa sua família apenas com alguns círculos, ou os jovens e adultos representam desenhos desproporcionais. O que estamos levando em conta é a representação imagética consciente das significações que se pode representar, ou seja, a leitura que esse indivíduo faz do seu próprio desenho.

Com as definições dadas pelos autores anteriormente, podemos pensar o desenho como uma habilidade de expressão gráfica natural do ser humano, desde sua infância. Segundo Lowenfeld (1977) as crianças ao empunharem qualquer instrumento que lhes permitam rabiscar, imediatamente sentem-se impulsionadas a representar linhas e formas. Constroem o seu imaginário num ato espontâneo e mágico, deixando sua marca no mundo, capazes disso, antes mesmo de aprenderem a escrever. Sabemos a partir de muitos estudos, que enquanto habilidade natural, o desenho da criança passa por vários estágios de desenvolvimento, desde os primeiros rabiscos até sua estagnação com o realismo visual por volta dos dez anos de idade.

Por que isso acontece? Pela cobrança feita no meio em que a criança está inserida. Muitos docentes por falta de formação acabam bloqueando a capacidade criadora da criança, quando buscam que a mesma represente de maneira realista.

Cada vez que nos deparamos com situações de adultos não compreendendo a Arte Moderna/Contemporânea, com estranhamento sobre a representações que os

artistas desconstroem, nos vem em mente a vivência que esse adulto enquanto criança teve como formação na escola.

Seriam indispensáveis aulas sobre a habilidade de ver e representar graficamente a forma dos motivos visualizados. O desenho não pode ser deixado a margem no ensino na escola, acompanhando a evolução cognitiva da criança, como ocorre com os demais conteúdos ministrados em sala de aula.

Devido ao desconhecimento dos docentes na área da visualidade e representação de imagem, muitas crianças, jovens e adultos, sentem-se inseguros em relação ao seu desenho. A maior parte acredita não ter potencial para desenhar, e quando insistem na representação de objetos e demais figurações, a partir dos seus traços espontâneos e simbólicos, se relatam insatisfeitos.

Sempre orientamos aos acadêmicos, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, que podem e devem transformar essa futura geração em conhecedores/críticos da Arte Moderna/Contemporânea, privilegiando seus alunos ao contato com as obras de Arte Modernas/Contemporâneas, mostrando a partir de leitura de imagens, as desconstruções imagéticas, para que as crianças/jovens percebam que a forma de representação pode ser e ter muitas formas, muitas significações. Saber que a representação realista é apenas uma maneira de representação imagética.

Acreditamos que com esse viés na formação, através da Arte Educação, a criança, o jovem, o adulto terão liberdades em suas representações, em seus desenhos. A confiança do que é representado, precisa ter uma significação, e quem dá essa significação é o próprio indivíduo que representa. Com isso, nos dá a certeza de que a criança, quando adulto, ao ver uma obra de Picasso, Bacon, Miró, Portinari, Tarsila, não terá o estranhamento sobre a forma como os artistas representarão suas desconstruções do mundo, mas um entendimento reflexivo/crítico sobre as obras.

Refletindo sobre tudo isso que foi abordado anteriormente, destacamos a obra *Desenhando com o Lado Direito do Cérebro* de Edwards (1985), que segundo a autora os desenhos passam por transformações no decorrer do desenvolvimento do indivíduo. Essas transformações são citadas pela Edwards (1985) como estágios. Esse processo, começando pelo estágio dos rabiscos, afirma que quando a criança

se deparar com algo como caneta, lápis, maquiagem, giz, terá o estímulo de riscar e rabiscar “tudo”, com sentidos diversos, sem preocupar-se com a significação.

Depois vem o próximo estágio, a criança desenha um símbolo para representar qualquer coisa que elas veem a sua volta. Logo, na sequência do desenvolvimento da criança, vem o estágio em que os desenhos narram histórias, exprimindo sentimentos.

Cerca de cinco ou seis anos, as crianças apresentam o estágio do desenho de paisagem, os quais apresentam cenários, como chão, céu, árvore, flores e uma casa. Bem característico e conhecido por nós.

Ainda segundo Edwards (1985), aos nove e dez anos de idade, inicia o estágio da complexidade. Este estágio se caracteriza quando as crianças acrescentam mais detalhes aos desenhos, buscando maior realismo a imagem representada. A preocupação com a composição diminui e as formas passam a ser colocadas aleatoriamente em suas produções. A preocupação das coisas que estão no desenho é substituída pela preocupação com a aparência dessas coisas representadas.

Na continuação dos estágios destacamos agora o estágio do realismo. O mais complexo. Aparece por volta dos dez e onze anos, quando a paixão das crianças pelo realismo está no auge. Quando seus desenhos não parecem realistas, as crianças desanimam, perdendo a vontade de representar através do desenho. Esses estágios, para quem tem filhos, ou é docente da educação infantil/básica são bastante conhecidos e percebidos.

Mais algumas contribuições de Edwards (1985), apresenta três categorias do desenho dos indivíduos. Na primeira categoria, estão aqueles que desenharam suas imagens eventualmente, de maneira espontânea, sem aperfeiçoamento da habilidade. Na segunda categoria, estão aqueles que buscam superar seus próprios limites, e mesmo sem apoio de aulas direcionadas, se dedicam a observação, com ajuda de livros e da prática constante.

A terceira categoria são aqueles que buscam cursos, aulas direcionadas na arte do desenho. A partir dessas observações a autora desenvolve um método que busca determinar etapas para se aprender a desenhar.

Com essas questões apresentadas pela autora percebemos que algo precisa ser feito para que o indivíduo ao chegar ao processo do estágio do realismo, o mesmo não desanime e desista da representação a partir do desenho.

Pela prática como professora de desenho no curso de Licenciatura em Artes Visuais, junto aos outros métodos e ao método de Edwards, obtivemos resultados positivos no desenvolvimento da habilidade em desenhar. Chamaremos esse processo, de método conjunto, o qual será apresentado na sequência, podendo ser aplicado para crianças, jovens e adultos.

Nas aplicações com crianças o resultado é gratificante, pois percebemos que seus olhares se ampliam.

Na metodologia conjunto determina três processos para aprendermos a desenhar: a observação, a memória e a criação. Ninguém cria nada, se não possuir referências em seu “portfólio” mental.

Na metodologia conjunto, usaremos o que a autora Edwards (1985) explica que devemos estimular o indivíduo a desenhar com o hemisfério direito. A autora determina em seus estudos que o hemisfério esquerdo, deve ser “inibido”, para que o hemisfério direito possa interferir na capacidade de observação, já que este é mais eficiente nas observações das formas, linhas, da construção da imagem.

Ela destaca em seus estudos uma revisão do desenvolvimento dos desenhos das crianças. Nos primeiros estágios do desenho, os dois hemisférios do cérebro das crianças não são especializados para exercer funções diferentes, isso ocorre gradualmente durante a infância, paralela à aquisição de aptidões linguísticas e dos símbolos da arte infantil.

A lateralização se completa, para Edwards (1985), por volta de dez anos de idade e coincide com o período de conflito na arte infantil. Para a aplicação do método destacado, a criança precisa passar por alguns processos para que desenvolva a habilidade do desenho com o hemisfério direito.

Na prática, iniciamos como orienta a autora, com o desenho de observação. Desenho de observação é a representação, muitas vezes figurativa, a partir da observação de um modelo, que busca transferir ao papel, a forma, textura, luz, sombra, cor.

O desenho escolhido para a observação deve ser apresentado à criança do modo de ponta cabeça. Por que isso? Edwards (1985) explica que ao observarmos o desenho de ponta cabeça, o nosso cérebro se confunde e desconhece o que o hemisfério esquerdo já conhece sobre o desenho, e passa a ser um novo desenho. Experimente!

Esse novo desenho deve ser observado pela criança de maneira diferente, factual, observando linhas, reconhecimento das formas que se formam, espaçamentos entre as linhas e as formas, relação entre as formas, construindo em seu cérebro, um novo desenho.

Com essa nova observação, a criança começa a visualizar as partes do todo da imagem, agora desconhecida, pois seu cérebro reconhece cada parte de uma vez, construindo assim, a imagem total. Depois de alcançado essa prática de observar as partes, o ponto de vista factual, como formas, linhas, espaçamentos, relações entre as partes do desenho, pode entregar outra imagem à criança, agora de maneira correta, sem que esteja de ponta cabeça, afinal já deve ter superado a relação de que seu hemisfério esquerdo sobreponha o hemisfério direito.

Na sequência o método vai trabalhar com o desenho de memória. O desenho de memória é a representação gráfica que se espelha na forma de elementos da realidade visualizada anteriormente. Para isso, a criança deve ter superado, dentro das suas capacidades, a habilidade do desenho de observação para que a partir do seu "portfólio" mental possa registrar em papel, o que sua memória tem como informação. Desenhar é um processo muito curioso, ligado ao processo de ver. A capacidade de desenhar depende da capacidade de ver de cada um, portanto como e o que a criança vê, é o que ela tem como registro mental. Nesse momento a criança passa a desenhar o que já desenhou por observação e também pelo que observa ao seu redor, em revistas, em casa, na rua, na escola, no parque.

Depois que a criança superou essas fases do desenho da observação e do desenho da memória, podemos passar ao desenho de criação.

Desenho de criação apresenta configuração original. Pode ser uma obra da imaginação, abstração ou o resultado da combinação de outras formas já existentes, inspirados nos elementos já existentes ou com características surreais. A criança deve dar liberdade a sua imaginação, sua capacidade criativa, dando aval ao que pode

criar. Sua criatividade pode ser estimulada a partir de histórias, vivências, temas, discursos, enfim, a tudo aquilo que podemos transformar em representação imagética.

Para tanto, vimos que a Arte na Educação tem um papel de suma importância no trabalho educativo, desenvolvendo habilidades individuais, e coletivas, propiciando a formação das crianças, jovens e adultos.

Por meio das experiências vividas na Educação Infantil, a partir da consciência do poder da Arte Educação na escola, a partir da prática da Abordagem Triangular, três eixos: a Contextualização, a Apreciação da Obra de Arte (leitura de imagem) e o Fazer artístico, percebemos que devem ser observadas pelo professor ao propor a leitura imagética, com oficinas de desenho, de pintura, de criatividade. Constatamos que essa união de ações, junto a metodologia conjunta apresentada, os resultados são bem significativos.

As crianças que participam desse processo de construção da habilidade do desenho, se sentem preparados para que possam a partir dos três processos: desenho de observação, desenho de memória e do desenho de criação, representem o seu mundo de maneira mais satisfatória aos seus olhares. Conseguem compreender o que realmente o desenho significa para a representação não-verbal. As suas cobranças diminuem, pois sabem que os desenhos podem e devem ter a significação que o seu autor determina. Essas significações se tornam muito mais valiosas e críticas quando ao reconhecerem que o artista pode construir e desconstruir quando e como deseja.

Ao conhecerem, a partir de leituras de imagens das obras Modernas/Contemporâneas o significado e o valor imagético que cada artista dá ao seu trabalho, as crianças voltam a ter a capacidade de se permitirem ir além, da maneira que acreditam ser a melhor representação daquilo que se propõe.

Por isso, devemos alertar aos professores, aos alunos, que desenhar é uma habilidade desenvolvida por processos. Todos são capazes de desenhar, desde que sua prática seja desenvolvida com consciência e muita dedicação.

E que a criança, pode e deve ter a habilidade desenvolvida para que tenha mais uma maneira de se expressar no meio em que está inserido. Criando assim, o seu mundo, a partir do seu olhar e o mais importante, construir leituras sobre o mundo que o cerca.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.B. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais.** SP: Editora Cortez, 1991.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual.** SP: Martins Fontes, 1991.

DUARTE, J.F.J **Por que Arte Educação?** SP: Papyrus, 2012.

EDWARDS, B. **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro.** SP: Editora Tecnoprint, 1985.

WALTY, I. L. C. **Palavra e imagem: leituras cruzadas.** MG: Editora Autêntica, 2001.

LOWENFELD, V. & BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** SP: Mestre Jou, 1977.

Recebido em 29/07/2023

Versão corrigida recebida em 12/08/2023

Aceito em 20/08/2023

Publicado online em 26/08/2023